

Escavações de Nery Delgado no planalto da Cesareda nas grutas da Lapa Furada e da Malgasta (Peniche): estudo do espólio arqueológico

JÚLIO ROQUE CARREIRA * & JOÃO LUÍS CARDOSO **

Palavras-chave: Gruta; Estremadura; Pré-História.

Resumo: Neste trabalho estuda-se o espólio arqueológico recolhido por Nery Delgado em duas grutas do Maciço Calcário Estremenho: a Lapa Furada e a Lapa da Malgasta.

Mots-clés: Grotte; Estremadura; Préhistoire.

Résumé: Dans cet article nous étudions l'ensemble archéologique des fouilles de Nery Delgado en deux grottes du Massif Calcaire d'Estremadura. La typologie des matériaux suggère plusieurs occupations. Paléolithique moyen(?); Paléolithique supérieur; Néolithique, Chalcolithique et Age du Bronze.

La présence expressive de matériaux du Néolithique final et du Chalcolithique correspond à l'installation d'une nécropole, comme d'autres dans la région.

INTRODUÇÃO

Nos Serviços Geológicos de Portugal encontra-se depositado um importante espólio arqueológico proveniente das pioneiras explorações de Nery Delgado, realizadas nos anos sessenta do século passado, em cavidades do centro-oeste da Estremadura portuguesa e que permanecem essencialmente inéditas.

As várias intervenções então efectuadas na plataforma da Cesareda e na região de Peniche nomeadamente na Lapa Furada, Lapa da Malgasta, Cova da Moura, Casa da Moura e Gruta da Furminha aparecem documentadas em publicação notável (DELGADO, 1867) onde, no entanto, salvo no último caso, os aspectos paleontológicos se sobrepõem marcadamente aos arqueológicos. Neste sentido, entendeu-se pertinente a valorização deste último aspecto no caso das duas primeiras jazidas.

Estamos perante duas cavidades naturais, existentes nos calcários duros do Jurássico superior.

As coordenadas da gruta da Malgasta são:

39° 19' 08" lat N

9° 15' 08" long W Greenwich

A Lapa Furada aparece situada pelo escavador a um quarto de légua do v. g. da Cesareda, correspondendo, por consequência, às coordenadas:

39° 18' 34" lat N

9° 16' 10" long W de Greenwich

Entre o espólio conservado da Lapa Furada, uma peça ostenta uma etiqueta com a data de 10-8-65. A corresponder à data da escavação, esta terá ocorrido imediatamente a seguir à primeira intervenção realizada na Casa da Moura.

De reter, no caso da Lapa Furada, a observação de DELGADO (1867), relativamente ao aparecimento de materiais arqueológicos no exterior da cavidade e a pequena profundidade, bem como a existência de leitos carbonosos, no interior da gruta. Estes leitos carbonosos aparecem nalguns contextos funerários claramente identificados com fenómenos de combustão ligados a actos de natureza ritual.

No nosso estudo os materiais foram considerados

* Colaborador do Museu Nacional de Arqueologia; Rua Inácio de Sousa, 5, 4º andar, 1500 Lisboa.

** Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da UNL, Quinta da Torre, 2825 Monte de Caparica.

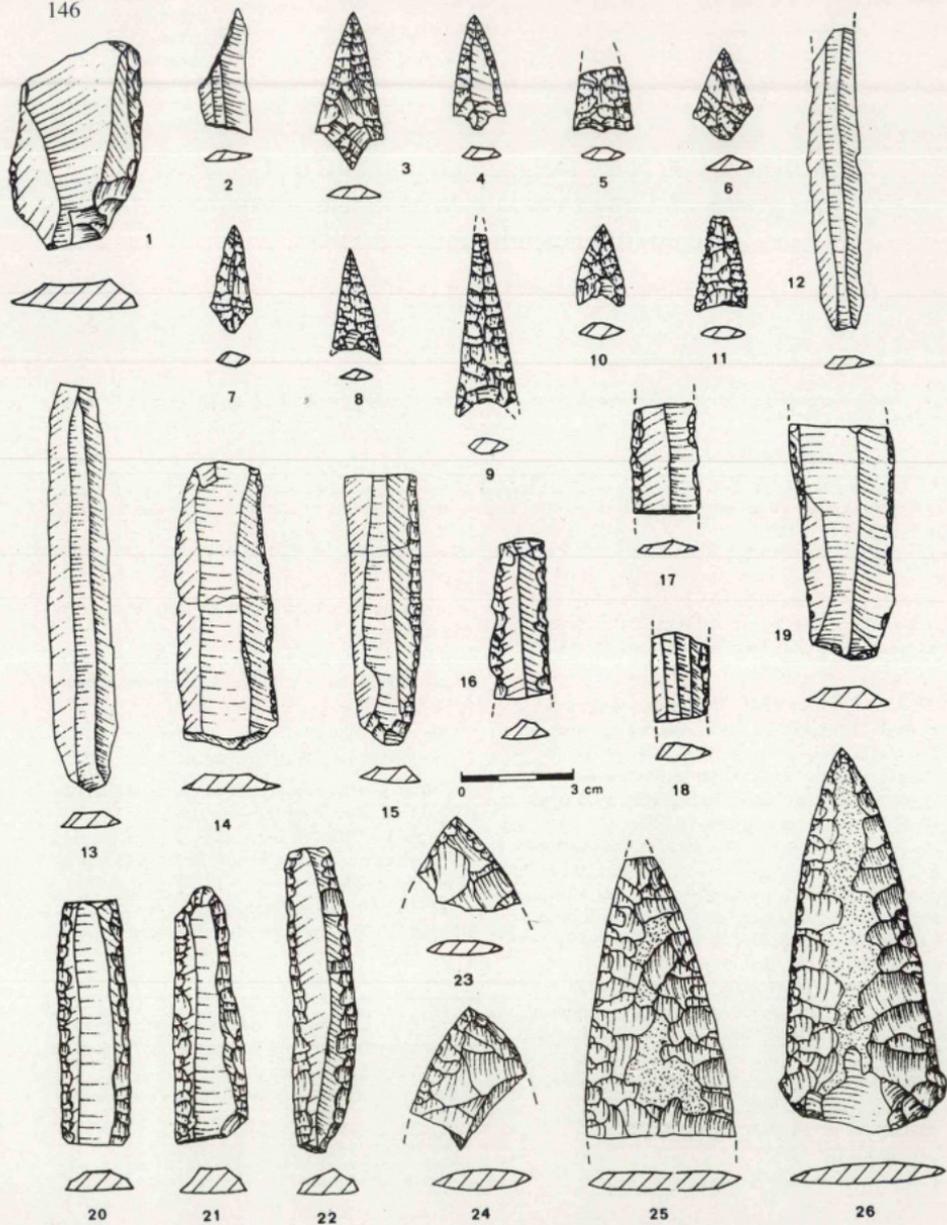


Fig. 1 — Indústria de pedra lascada: raspador (1); trapézio (2); pontas de seta (3 a 11); lâminas (12 a 22); alabardas (23 e 24); punhais (25 e 26).

como um todo. De facto, torna-se delicada a separação das peças das duas grutas, sobretudo no respeitante ao espólio cerâmico, por fragmentos da mesma peça estarem actualmente referenciados a ambos os locais. Apenas um machado e uma enxó se podem reportar com segurança a uma das grutas, a Lapa Furada, por possuírem etiqueta. As restantes peças, ao contrário do praticado usualmente por Nery Delgado, não ostentam referências.

INTEGRAÇÃO CULTURAL

As grutas da Lapa Furada e da Malgasta, integram-se no conjunto das jazidas conhecidas no extenso planalto das Cesaredas, cujo expoente é a gruta da Casa da Moura (DELGADO, 1867). Tal como ali, verificou-se marcada diacronia na ocupação humana, pelo menos, do Paleolítico superior à Idade do Bronze. Mais para oeste, sobre o actual litoral, abre-se a gruta da Furninha, igualmente explorada por Nery Delgado. Apresenta importante ocupação humana do Paleolítico inferior, médio e superior. No Neolítico, a gruta foi aproveitada para a instalação de uma vasta necrópole, tendo proporcionado grande volume de cerâmicas decoradas por incisão e impressão, também depositadas nos Serviços Geológicos de Portugal. Para sudeste avultam as grutas da Columbeira e da Lapa do Suão, já no concelho do Bombarral, ambas com presença humana remontando ao Paleolítico.

ESTUDO DO ESPÓLIO

A – Indústria de pedra lascada

— um raspador simples convexo sobre lasca levallois. A tipologia e a ganga aderente, de coloração avermelhada, não observada em nenhuma outra peça, sugere idade mais antiga que as peças restantes, provavelmente do Paleolítico médio (fig. 1, nº 1);

— um trapézio dissimétrico alongado (fig. 1, nº 2);

— nove pontas de seta, das quais:

— duas pedunculadas (fig. 1, nº 3 e 4)

— duas de base triangular (fig. 1, nº 6 e 7)

— uma de base bicôncava (fig. 1, nº 5)

— quatro de base côncava (fig. 1, nº 8 a 11)

— onze lâminas, das quais:

— duas não retocadas (fig. 1, nº 12 e 13)

— nove retocadas com retoque de diversa amplitude (fig. 1, nº 14 a 22)

— Dois fragmentos distais de possíveis alabardas (fig. 1, nº 23 e 24);

— dois punhais mostrando polimento na zona central de ambas as faces (fig. 1, nº 25 e 26).

O punhal completo possui base convexa e esboço de laterais lateralmente para facilitar o encabamento. Trata-se de uma característica singular desta peça já anteriormente assinalada por FERREIRA (1957), considerando-a exemplar tipo do seu grupo h: «punhais de comprimento médio, retocados nas duas faces com aletas».

Com excepção da lasca levallois, o conjunto da indústria lítica de pedra lascada é idêntico a outros que têm sido descritos na Estremadura; a associação de micrólitos, pontas de seta, lâminas e punhais é característica dos contextos sepulcrais do Neolítico final/ Calcolítico inicial da Estremadura.

B – Indústria de pedra polida

— machado de secção sub-elíptica com etiqueta «Enxó-Lapa Furada / Letra G / Camada inferior / ao banco estalagmítico / cobrindo o pavimento» (fig. 2, nº 1);

— machado achatado com os lados bombeados (fig. 2, nº 3);

— enxó com etiqueta «Lapa Furada / Letra G / Camada inferior ao / banco estalagmítico» (fig. 4, nº 2);

— enxó quebrada segundo plano equatorial;

— escopro com talão mutilado (fig. 2, nº 4).

Estamos perante artefactos comuns em contextos sepulcrais da Estremadura desde o Neolítico ao Calcolítico.

A matéria-prima utilizada nos artefactos de pedra lascada sugere abastecimento em afloramentos de rochas siliciosas, disponíveis na região, interestratificadas nos calcários mesozóicos. Quanto à matéria-prima dos utensílios de pedra polida a sua origem é diversa.

Para um dos machados (fig. 2, nº 1) e a enxó (fig. 2, nº 2), elaborados sobre rochas básicas ou xistos verdes, poderemos rastrear a sua origem no soco paleozóico: nas faixas de Terrugem-Elvas, no complexo de xistos de Moura-Portel, e noutros afloramentos do Baixo Alentejo.

Relativamente ao outro machado (fig. 2, nº 3) e ao escopro (fig. 2, nº 4), trata-se de rochas ácidas identi-

cáveis com o Complexo de vulcanitos do Carbónico inferior da faixa de Aljustrel-Grândola-Cercal.

Finalmente, a enxó fracturada é executada em chert negro, rocha sedimentar que pode ser encontrada no Maciço Calcário Estremenho.

C – Indústria óssea

— um fragmento de zagaia do Paleolítico superior de secção sub-retangular (anverso e reverso representados na fig. 2, nº 8);

— dois furadores obtidos por seccionamento transversal e oblíquo da diáfise de metápodes de ovinos e/ou caprinos (fig. 2, nº 13 e 14);

— um furador sobre diáfise de osso longo não determinado (fig. 2, nº 15);

— um furador obtido por seccionamento longitudinal de osso não determinado (fig. 2, nº 6).

D – Objectos de adorno

— dois alfinetes de osso com cabeça tronco-cónica postiça, decorados por caneluras paralelas largas e profundas num exemplar (fig. 2, nº 10) e finas e superficiais noutro (fig. 2, nº 9);

— um pente de osso alongado e achatado, totalmente polido, com perfuração bicónica na extremidade superior (fig. 2, nº 12);

— um canino superior de raposa, com perfuração na base da raiz (fig. 2, nº 7);

— uma conta tabular em mineral verde com perfuração bicónica na parte central (fig. 2, nº 11).

E – Objectos de carácter mágico-religioso

— um ídolo de osso, designado pela bibliografia arqueológica por «ídolo-garrafa». Possui corpo bombeado, estrangulado na parte superior, que termina por uma pequena «cabeça» achatada, de contorno oval, e inclinada para a frente (fig. 2, nº 5).

F – Indústria cerâmica

Reconheceram-se dois conjuntos tipologicamente diferenciados. O mais antigo é integrável no Neolítico final e/ou no Calcolítico inicial da Estremadura; o mais recente pertence à Idade do Bronze.

NEOLÍTICO FINAL - CALCOLÍTICO INICIAL

Trata-se de conjunto constituído pelas seguintes formas:

i) Taças carenadas

— de paredes reentrantes
um exemplar (fig. 3, nº 1); superfície interna e externa desmineralizada de cor alaranjada. Interior negro.

— de paredes verticais
um exemplar (fig. 3, nº 7); superfície intensamente desmineralizada; pasta grosseira com abundantes grãos carbonatados. Coloração acinzentada.

ii) Taças em calote

A este grupo pertencem três exemplares (fig. 3, nº 2, 3 e 8). As pastas apresentam granulometria predominantemente grosseira. Dominam as colorações acastanhadas tanto em ambas as superfícies como no interior de fractura.

Identificaram-se em dois fragmentos e.n.p. de feldspato (fig. 3, nº 2 e 3) acompanhados em um de quartzo (fig. 3, nº 3) e outro de mica (fig. 3, nº 2). O último mostra apenas grãos de calcite.

iii) Esféricos

Integram-se neste grupo quatro exemplares (fig. 3, nº 4, 5, 6 e 10).

Do ponto de vista granulométrico, predominam as pastas de granulometria média. Todas apresentam grãos de feldspato, os exemplares da figura 3, nº 4 e nº 10 possuem mica e os da figura 3, nº 5 e nº 7 possuem grãos de calcite.

O da figura 3, nº 6, mostra o bordo ligeiramente extrovertido.

iv) Taças de bordo espessado

— um exemplar (fig. 5, nº 9) com coloração anegrada, de textura grosseira, apresenta abundantes e.n.p. de calcite e revela desmineralização.

v) Taça de paredes reentrantes

— um exemplar (fig. 3, nº 11) possui coloração negra com textura grosseira; observam-se e.n.p. de feldspato, quartzo e calcite.

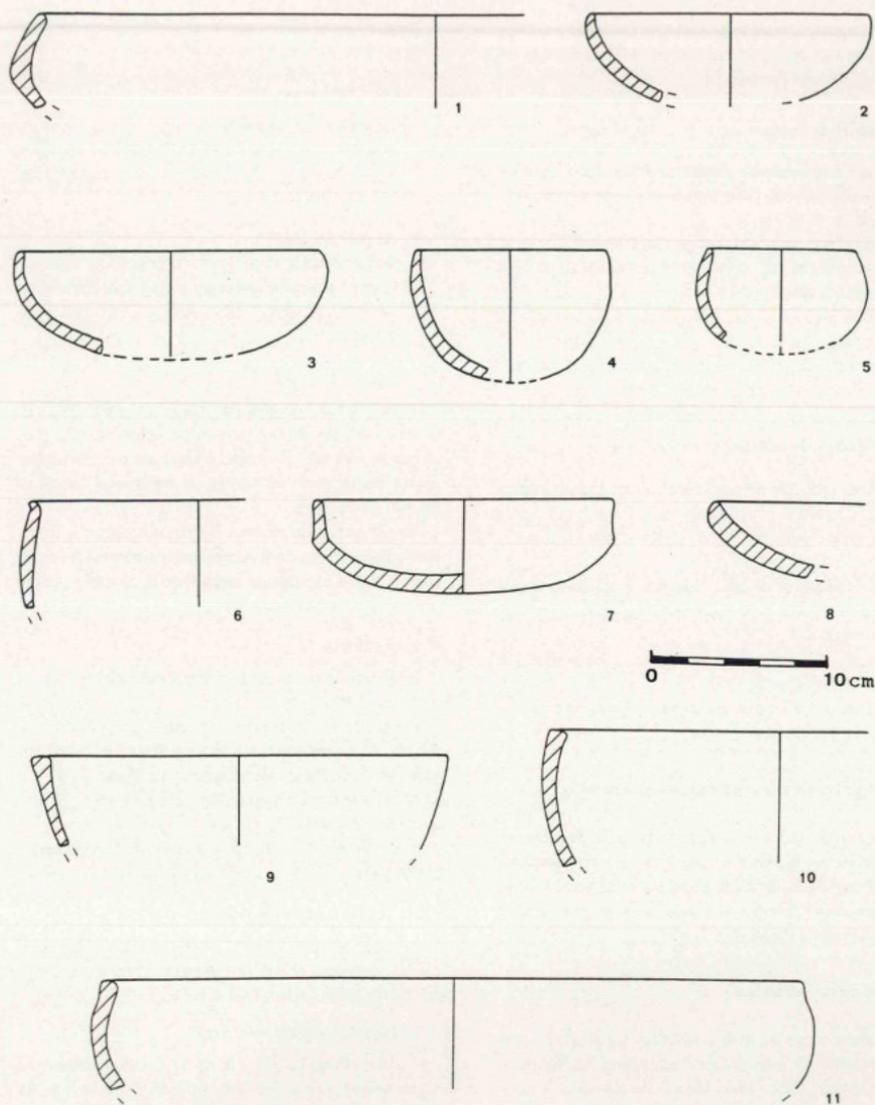


Fig. 3 — Indústria cerâmica do Neolítico final/Calcolítico inicial: taças carenadas (1 e 7); taças em calote (2, 3 e 8); esféricas (4, 5, 6 e 10); taças de bordo espessado (9); taças de bordo reentrante (11).

IDADE DO BRONZE

O conjunto atribuído à Idade do Bronze não parece apresentar, do ponto de vista cultural, homogeneidade, parecendo antes estarmos perante produções cerâmicas correspondendo a momentos cronologicamente diferenciados.

No conjunto atribuído à Idade do Bronze as cerâmicas apresentam pastas frequentemente desmineralizadas e maior compactidade do que a verificada no conjunto anterior.

A ele pertencem os seguintes exemplares:

i) Formas esféricas

— recipiente com asa levemente inclinada; apresenta decoração «a cepillo»; superfícies bem alisadas, pasta castanha-avermelhada, grosseira, com grandes e.n.p. de feldspato (fig. 4, nº 1);

— recipiente de boca fechada com asa de secção circular; cor negra, pasta fina (fig. 4, nº 2).

ii) Taças de bordo simples ou ligeiramente espessado

— recipiente de pasta fina com raros e.n.p. muito grosseiros de calcário; superfície interna e externa de cor castanha-esverdeada e núcleo negro (fig. 4, nº 3);

— recipiente de coloração predominantemente cinzenta-esverdeada; pasta média a grosseira, superfície medianamente alisada (fig. 4, nº 4);

— recipiente com superfície externa cinzenta-esverdeada, superfície interna vermelha-alaranjada, núcleo cinzento, pasta grosseira (fig. 4, nº 5);

— recipiente com superfície interna anegrada, superfície externa castanha-avermelhada, medianamente alisada, núcleo negro, pasta média (fig. 4, nº 7);

— recipiente de pasta muito grosseira, medianamente alisada, cor externa castanha-alaranjada, cor interna castanha-anegrada, núcleo negro (fig. 4, nº 8).

iii) Recipientes carenados

— recipiente com carena bem marcada; pasta grosseira de coloração negra, superfícies externa e interna medianamente alisadas (fig. 4, nº 10);

— recipiente de coloração cinzenta a negra, localmente avermelhada; pasta grosseira com abundantes

e.n.p. de quartzo e feldspatos, superfície externa bem alisada, superfície interna rugosa (fig. 4, nº 9).

iv) Pratos

— recipiente de coloração cinzenta-esverdeada, superfícies grosseiramente alisadas, núcleo acinzentado; pasta grosseira com abundantes e.n.p. de calcite (fig. 6, nº 6).

v) Vasos de fundo plano

— fundo de cor negra, pasta média a grosseira, com raros e.n.p.; acabamento grosseiro (fig. 4, nº 11);

— fundo de cor castanha-avermelhada, abundantes e.n.p., essencialmente feldspatos; acabamento grosseiro, com impressões de caules de gramíneas na face externa e na base (fig. 4, nº 12).

vi) Recipientes de colo alto

— grande vaso com pega, cor cinzenta-amarelada, pasta compacta mas grosseira com e.n.p. subangulosos, essencialmente de quartzo e feldspato; superfícies interna e externa bem alisadas (fig. 4, nº 13);

— vaso com bordo decorado por impressões oblíquas e largas formando denteado largo; pasta cinzenta-escura grosseira com abundantes e.n.p. grosseiros de quartzo, em menor grau, de feldspatos subangulosos e pouco rolados; superfície externa muito grosseira, superfície interna erodida (fig. 4, nº 14).

CONCLUSÕES

O espólio arqueológico das grutas de Malgasta e Lapa Furada, exumado por Nery Delgado, foi estudado em conjunto devido à incerteza da proveniência específica da sua maior parte. A análise tipológica conduziu às seguintes conclusões gerais:

— A existência de um raspador simples convexo sobre lasca levallois permite considerar a hipótese de uma primeira ocupação remontar ao Paleolítico médio.

— Ocupação paleolítica mais recente é sugerida pela associação de um fragmento de zagaia de osso, de secção rectangular e de um dente de raposa perfurado na base da raiz, utilizado como pendente. Ambos os tipos têm paralelos em contextos magdalenenses (MAZIÈRE & RAYNAL, 1979, fig. 4).

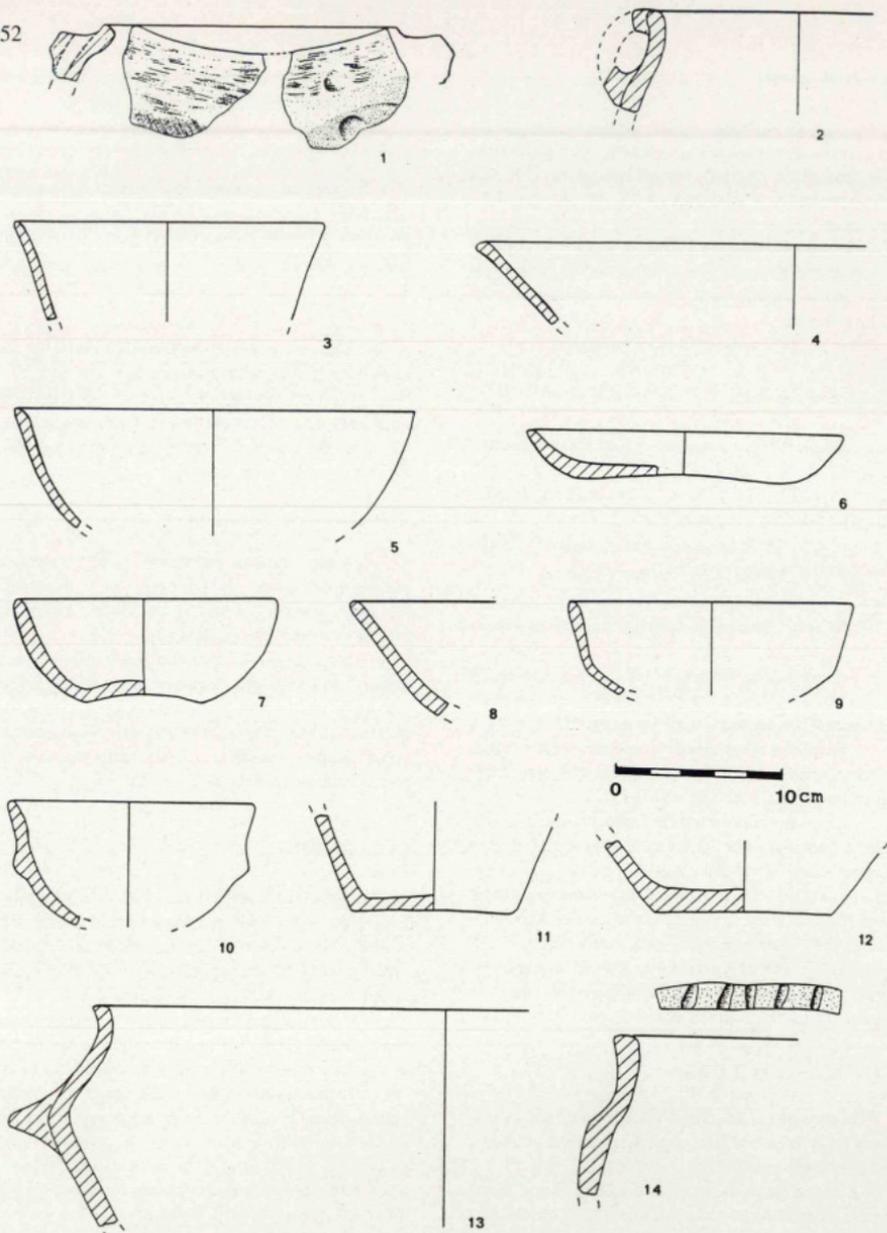


Fig. 4 — Indústria cerâmica da Idade do Bronze: esféricos (1 e 2); taças de bordo simples ou ligeiramente espessado (3 a 5, 7 a 8); pratos (6); recipientes carenados (9 e 10); recipientes de fundo plano (11 e 12); vasos de colo alto (13 e 14).

— O Neolítico final/Calcolítico inicial está documentado por artefactos líticos (micrólito, lâminas, pontas de seta, punhais e alabardas); objectos de adorno (alfinetes, contas e pendentos) e objectos de carácter mágico-religioso («ídolo-garrafa»). Trata-se de uma associação de carácter funerário com abundantes paralelos em contextos da Estremadura. De salientar as reduzidas dimensões «do ídolo garrafa».

— Uma última ocupação pré-histórica documentada nas jazidas estudadas integra-se na Idade do Bronze. Trata-se, exclusivamente, de materiais cerâmicos, cujas pastas apresentam maior compacidade que as atribuídas ao Neolítico final/Calcolítico inicial. Estão presentes pratos e taças baixas de fundo plano; taças carenadas e vasos altos com mamilos. As decorações resumem-se num caso a sulcos paralelos e pouco profundos obtidos por passagem superficial de pente ou matriz sobre a pasta fresca («a cepillo»). Noutro caso, trata-se de decoração denteada no lábio de um vaso de colo alto com vários paralelos noutros arqueo-sítios estremenhos da Idade do Bronze (CARDOSO *et al.*, 1986).

Em resumo, os espólios exumados nas grutas da Malgasta e da Lapa Furada documentam vários momentos ocupacionais estendendo-se desde o Paleolítico médio até à Idade do Bronze, constituindo, desta forma, um documento de interesse para o conhecimento da ocupação humana pré-histórica da Estremadura portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, J. L., RODRIGUES, J. S., MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) – A jazida da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda, Lisboa. *Revista Municipal*, 2ª série, 15: 3-18
- DELGADO, J. F. N. (1867) – *Estudos geológicos. Da existência do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Primeiro opúsculo: Notícia acerca das grutas da Cesareda*. Comissão Geológica de Portugal, Lisboa.
- FERREIRA, O. DA VEIGA (1957) – Tipos de punhal lítico da colecção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Guimarães*, 67 (1-2): 185-191.
- MAZIÈRE, G. & RAYNAL, J. P. (1979) – La fin des temps glaciaires en Limousin. *Colloques Internationaux du CNRS n° 271. La fin des temps glaciaires en Europe*, (24-28 Mai 1977), 2: 505-519.

Manuscrito recebido em Outubro 1992